

# **A Revista Bem-te-vi e o projecto civilizatorio metodista: evangelizar, modernizar e civilizar a criança brasileira.**

Claudia Panizzolo.

Cita:

Claudia Panizzolo (2015). *A Revista Bem-te-vi e o projecto civilizatorio metodista: evangelizar, modernizar e civilizar a criança brasileira*. 4tas Jornadas de Estudios sobre la Infancia, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/4jornadasinfancia/14>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eZep/tp7>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.  
Para ver una copia de esta licencia, visite  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

**A Revista Bem-te-vi e o projeto civilizatório metodista: evangelizar, modernizar e civilizar a criança brasileira**

Claudia Panizzolo  
(UNIFESP, Brasil)

**Introdução: O metodismo, a nação americana e a civilização cristã.**

A origem do metodismo está ligada à Igreja Anglicana, na Inglaterra. Seu nascimento se deu em novembro de 1729, a partir de um movimento que teve quatro jovens estudantes da Universidade de Oxford como protagonistas. Dentre esses estudantes encontrava-se John Benjamin Wesley, que morreu anglicano, mas é considerado o pai do metodismo. O movimento metodista, que se organizara como uma associação destinada a promover o cumprimento fiel das diretrizes da Igreja Anglicana, contrariando a vontade do próprio Wesley tornou-se uma igreja.

A educação na estratégia missionária de Wesley ocupava lugar de destaque. De acordo com Mesquida (1994, p. 97) a “educação se constituía, portanto, num processo de formação contínua do indivíduo, tendo por objetivo imediato reformar o caráter e a vida dos homens.” Para Mesquida (1993, p. 31) o metodismo foi originalmente um movimento educativo. Na ata do primeiro Concílio ocorrido em 1744, que contou com a presença de John e de seu irmão Carl Wesley e de quatro leigos, encontra-se a discussão sobre a doutrina que deveria ser ensinada, o método mais apropriado para fazê-lo e o modo como conduzir tal prática. Nesse mesmo Concílio foram fixados os fundamentos teológicos do movimento:

... a graça universal de Deus e a Salvação oferecida a todos (se a graça é universal, a salvação é oferecida a todos os homens e mulheres); a justificação pela fé e sua consequência prática, as obras de misericórdia; a liberdade das pessoas de aceitarem ou recusarem a graça de Deus (portanto, o aceitar ou não a graça de Deus oferecida a todos é um ato da vontade pessoal do indivíduo).

De acordo com Mesquida (1993) os princípios teológicos do metodismo convergem na mesma direção dos princípios do liberalismo dos séculos XVIII e XIX, ou melhor, foram apropriados do liberalismo. Nesse sentido, a graça universal de Deus pode ser pensada como a democracia, as obras de misericórdia como sendo o trabalho que leva a santificação e a perfeição cristã, e que promove o progresso e, por fim, a liberdade de aceitar ou recusar a graça de Deus (denominada de livre arbítrio), como os princípios da liberdade e do individualismo.

A junção dos princípios da universalidade da graça e da perfeição cristã, fruto da fé e das obras é para Wesley a importante contribuição do movimento metodista para o pensamento teológico protestante. A doutrina da perfeição cristã, não aceita, por exemplo, o analfabetismo, portanto aprender a ler, a escrever e a contar são fundamentais para progredir na fé cristã.

O metodismo se tornou uma das maiores forças da educação popular da Inglaterra no século XIX (MESQUIDA, 1993, 1994; LOPES, 2000). Adultos e crianças aprendiam a ler, a escrever e a contar, além dos princípios da fé nas Escolas Dominicais das igrejas e com o passar do tempo nas escolas criadas para tais finalidades. Assim, tanto nas escolas que seriam igrejas e nas igrejas que seriam escolas, permanecia o intento de auxiliar no aprendizado da “verdade”, na reforma do caráter, na formação de vida, no abandono da ignorância e na ascensão social.

Rapidamente o metodismo alcançou os Estados Unidos (entre 1760 e 1766), especialmente o oeste, ao acompanhar os pioneiros que para lá se dirigiram, e adquiriu características missionárias, notadamente de meados do século XIX até as primeiras décadas do século XX (MESQUIDA, 1993, 1994; LOPES, 2000). Um ano depois que os Estados Unidos declararam sua independência da Inglaterra, o metodismo americano se separou do inglês, constituindo a Igreja Metodista Episcopal, na Conferência de Natal que ocorreu entre 24 de dezembro de 1784 e 2 de janeiro de 1785.

Durante o século XIX, mas, sobretudo, no processo de unificação nacional após a Guerra da Secessão, difundiu-se nos Estados Unidos a idéia de que religião e civilização estavam imbricadas na América cristã, e que a ação de Deus se manifestava pela ação de povos escolhidos. Essa ideia, que se convertera em crença generalizada provocava duplo efeito, por um lado reafirmava a superioridade dos brancos sobre os negros recém-libertos, conservando-os, politicamente dominados, e por outro lado, alimentava o movimento expansionista norte-americano.

A Igreja Metodista Episcopal, denominação protestante com maior número de fiéis à época, comungava dessa convicção, considerando os Estados Unidos como a expressão mais acabada da civilização anglo-saxônica, cujo destino era conquistar o mundo para Cristo e salvar a raça humana decaída.

Para os metodistas, as nações mais evoluídas, no caso, os Estados Unidos, tinham o dever de civilizar os povos atrasados do mundo. Ao colocar os Estados Unidos no centro da civilização, os metodistas legitimavam o expansionismo, contribuindo para

a ação imperialista norte-americana. O artigo escrito pelo pastor metodista O.B. Super publicado no *Methodist Review*, revista oficial da Igreja Metodista apresenta um exemplo lapidar dessa concepção expansionista: “A mais importante lição da história da civilização moderna é que Deus apela ao anglo-saxão para conquistar o mundo para Cristo, aniquilando as raças mais fracas e assimilando as outras” (SUPER,1890,p.863).

O desenvolvimento econômico pós Guerra Civil era considerado pelos metodistas como manifestação da vontade de Deus e fruto do aperfeiçoamento da civilização cristã e interpretado como expressão do Reino de Deus: “o mesmo Deus que conduziu Israel, guia, hoje, os Estados Unidos, e os princípios que serviam de fundamento para o povo hebreu regem o nosso país aqui e agora” (MENDENHALL, 1893, p.459). A ideia de um povo eleito por Deus, herdada do judaísmo, se desdobraria no destino manifesto expresso por meio da missão de salvar o mundo, publicada em 1900 de que “Deus elege nações para cumprir projetos, e a nação americana é composta por uma raça de dirigentes destinados a governar o mundo” (JOURNAL OF THE GENERAL CONFERENCE METHODIST EPISCOPAL CHURCH *apud* MESQUIDA, 1993, p.39)

Dessa forma, se por um lado as missões mudavam os hábitos bárbaros, por outro produziam benefícios comerciais, mudavam hábitos de consumo, criavam necessidades, exigiam manufaturas importadas de países civilizados cristãos. De acordo com o Bispo David Moore: “O resultado das missões e o resultado da propagação da civilização cristã será que o México, a América Central e as nações da América do Sul manterão relações conosco e colocarão o seu dinheiro nos centros financeiros norte-americanos” (MOORE , 1898, p.3).

Em terras brasileiras aportaram em 1835 os missionários metodistas. Não vieram sós. Em 1859 chegaram os presbiterianos e em 1881 os batistas. No entanto, somente nas últimas décadas do século XIX o metodismo criou raízes no Brasil, especialmente na região do Oeste Paulista, sobretudo em Limeira, Piracicaba e Santa Barbara.

Os fazendeiros brasileiros do Oeste Paulista, bem como a elite ilustrada receberam com euforia os homens de uma sociedade, considerada por eles como civilizada, em que o sistema de produção e a tecnologia estavam mais adiantados, o regime político era republicano e a educação exercia um importante papel na manutenção da estrutura econômica e na formação das novas gerações republicanas.

Por aqui se vivia intensa agitação política, social e econômica. Não é sem motivo que o republicanismo, o positivismo, a maçonaria, o liberalismo e o fim da escravidão constituíam-se em temas candentes da imprensa, das conferências e das conversas da época.

Nesse período tem-se a crise da economia mercantil-escravista e a substituição do trabalhador escravo pelo livre. A decadência das lavouras tradicionais e o desenvolvimento paralelo do café durante a segunda metade do século XIX deslocam a primazia econômica do país do Nordeste para o Centro-Sul. O Oeste Paulista, região onde o metodismo não por acaso se fortalece, era a região mais recente das plantações, e começava a substituir em importância o Vale do Paraíba, região ocupada na primeira fase da expansão cafeeira, agora em decadência, entre outros motivos, pela diminuição da oferta de mão-de-obra, além do uso impróprio do solo<sup>1</sup>.

A aceleração do processo de acumulação de capitais na cafeicultura trouxe no seu bojo a ferrovia e a política imigratória, que solucionava o grave problema da mão-de-obra para a agricultura. A exportação do café precisava continuar, o mercado internacional demandava e as terras roxas do interior de São Paulo eram cada vez mais ocupadas. A riqueza e o progresso do país dependiam prioritariamente do café. O governo passou a estimular e subsidiar<sup>2</sup>, junto com os fazendeiros, a vinda de imigrantes cujo destino seria as fazendas de café. Após algumas experiências<sup>3</sup>, e com a proibição do tráfico negreiro, institucionalizou-se, a partir de 1870, uma política imigratória que, no entanto, só tomaria impulso após a abolição da escravatura.

No entanto, além das mudanças físicas as idéias também estavam em plena ebulição. Havia uma intensa circulação de novas tendências de pensamento – imortalizadas pela célebre frase de Silvio Romero: “um bando de ideias novas”<sup>4</sup> –,

---

<sup>1</sup> A este respeito consultar as obras de Emilia Viotti da COSTA. 1999. *Da monarquia à República*; momentos decisivos. 7ª ed. São Paulo: Unesp, e de Mary Lou PARIS. 1980. *A educação no Império*; o jornal A Província de São Paulo, 1875-1889. Dissertação de mestrado – FEUSP.

<sup>2</sup> De acordo com Costa (1999), a administração da província de São Paulo, representante dos interesses dos fazendeiros, procurou estimular ao máximo, e na medida do possível, a vinda dos imigrantes. Em 1871, uma lei autorizava “o governo a emitir apólices até seiscentos contos para auxiliar o pagamento das passagens de imigrantes. Seria atribuída a cada pessoa a quantia de vinte mil-réis” (p.327). Logo depois a verba foi elevada para cem mil-réis e tinha início a fase da imigração subvencionada. Em 8 de agosto de 1871 foi fundada a Associação Auxiliadora da Colonização, que congregava fazendeiros e capitalistas de São Paulo. Em 1874, a Associação “recebia cem contos como auxílio para o financiamento das passagens dos imigrantes” (p.328).

<sup>3</sup> Como exemplo pode-se citar as Colônias Nova Louzã e Nova Colômbia – ambas de propriedade de João Elisário de Carvalho Montenegro. Consideradas à época como modelares, implementaram a participação do trabalhador livre, ainda que lado a lado com a mão-de-obra escrava. A esse respeito, consultar Costa (1999, p.326).

<sup>4</sup> Hilsdorf (2003, p.58) indicou três dessas novas tendências em circulação. Uma delas era o positivismo, que de acordo com a autora, teve uma ampla aceitação na sociedade brasileira, devido à união de uma proposta de cultivo das ciências modernas, como esteio para o progresso, à “ética cívica de respeito à lei e ao princípio do bem comum”. Outra era a do industrialismo cosmopolita presente desde a última década do século XIX e que promovia

nascidas na Europa e nos Estados Unidos, que atravessaram o Atlântico e aqui aportaram.

Esse período, que abrange as décadas de 1870 a 1920, foi palco ainda de mais uma importante transformação: a mudança do regime político-administrativo de Império para República. Embora o marco da Proclamação esteja fincado em 15 de novembro de 1889, é importante retroceder a 1870 para flagrar a diacronia republicana em momentos já de coexistência, ora de cooperação ora de conflito com a instituição monarquista. Por outro lado, é necessário avançar em direção às duas primeiras décadas pós-Proclamação para verificar as lutas e disputas, sobretudo as resistências expressas pelos adeptos do antigo regime.

Os republicanos defendiam o modelo federativo, preservando assim as forças regionais e locais. No entanto, não havia um projeto único, pelo contrário, existiam diferenças significativas entre os projetos dos vários partidos republicanos do país. Ainda que unidos no combate à monarquia, os republicanos se dividiam quanto aos métodos a serem empregados para a conquista do poder. Havia duas tendências: a revolucionária e a evolucionista. Os defensores da primeira preconizavam a revolução popular; os outros confiavam que a República seria alcançada pelo controle pacífico do poder. A opção pela forma evolutiva de conquista do poder político já havia sido anunciada desde dezembro de 1870 com o Manifesto Republicano e com essa vitória, os republicanos sinalizavam ainda “que fariam uma reforma pacífica das instituições, ao invés de uma radical revolução social (...), e que sua mentalidade era predominantemente liberal moderada, com uma visão conservadora da democracia” (HILSDORF, 2003, p.60).

Assim, pela via evolutiva, a sociedade brasileira foi sendo transformada de maneira lenta, cumulativa e indiretamente, através de informações e ensinamentos oferecidos na imprensa, nas instituições escolares e nos atos políticos cotidianos. E a população aprendeu a ver o regime monárquico como atrasado, ineficiente e corrupto, ao mesmo tempo em que reconheceria as vantagens e as virtudes do regime republicano, o único capaz de levar o país à modernidade através do caminho da ordem e do progresso. Seria, no dizer de Hilsdorf (2003, p.60), “a educação pelo voto e pela escola” a grande arma capaz de promover a evolução da sociedade brasileira tendo por

---

iniciativas econômicas e educacionais voltadas aos interesses dos industriais. Na direção oposta viria a terceira tendência, denominada de ruralismo, que defendia a “vida campesina como o ambiente ideal para a formação de homens perfeitos”.

caução o progresso tão almejado. A prática do voto estaria diretamente ligada à escola, *locus* privilegiado para instruir o povo na arte de ler e escrever, mas também capaz de educá-lo e prepará-lo para viver como cidadão apto a sustentar, defender e engrandecer a República.

Com a Proclamação da República, a escola passou a ser no imaginário republicano, “o emblema da instauração da nova ordem” (CARVALHO, 2003, p.23), ao mesmo tempo em que atendia à opção política dos cafeicultores paulistas pela imigração, que possibilitaria a formação de uma sociedade branca, bastante estratificada com direitos e deveres diferenciados de acordo com a posição no mundo do trabalho. O afã pedagógico dos republicanos pode ser interpretado como uma alegoria da política imigratória, à medida que a escola seria reconstruída para demarcar dois mundos diversos – o dos cidadãos e dos sub-homens – funcionando assim como um dispositivo de reprodução da dominação e desigualdades sociais.

Dentre as providências para a institucionalização da nova ordem política, os republicanos elegeram a escola para “sinalizar a ruptura que pretendiam promover entre um passado sombrio e um futuro luminoso” (CARVALHO, 2003, p.143). Assim, eleita signo do Progresso, a escola deveria tanto fazer ver a República inaugurada, quanto a escola deveria se dar a ver (CARVALHO, 2003, p.23-33). Pela escola se concretizaria e viabilizaria o novo regime, e para isso era fundamental formar um homem novo, regenerado, civilizado, moderno, escolarizado e trabalhador, enfim, o cidadão republicano.

Ao encontro dos republicanos que ansiavam por formar este homem novo com condutas compatíveis com a vida republicana, preparado para a nova sociedade industrial, urbana, moderna e científica em construção, e que, portanto, abandonasse os valores ultrapassados e decadentes ligados ao regime monárquico e à sociedade escravagista e agrária, estavam os interesses dos missionários metodistas que se propunham a promover a regeneração política, intelectual e espiritual dos brasileiros, formando uma população livre, trabalhadora, honesta e obediente, tendo como modelo a ser seguido o dos Estados Unidos, e seus princípios republicanos e liberais. Dessa forma, uniam-se os interesses. Tanto para a elite intelectual brasileira quanto para os missionários norte-americanos metodistas à escola cabia a importante missão de transformar os habitantes em povo, regenerar o trabalhador e salvaguardar o organismo nacional.

### **A educação metodista no Brasil: evangelizar, modernizar e civilizar**

Os missionários e educadores norte-americanos fundadores de igrejas e de escolas metodistas no Brasil, entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do XX, apresentavam como missão a implantação da civilização no país escolhido como campo para sementeira da Palavra de Deus e dos hábitos e costumes protestantes. As suas ações religiosas e educacionais tinham por fim a instituição de novos comportamentos, novas posturas e novos hábitos, pautados em princípios condizentes com o seu país de origem, mas, sobretudo, com os desígnios divinos, depurados pela crença protestante, portanto, os alicerces de sustentação de uma sociedade terrena considerada por eles, como moderna e civilizada, além de único caminho possível para a morada eterna. A noção de civilidade com a qual julgavam suas ações e a dos demais era a anglo-saxônica, em que “civilização descreve um processo ou, pelo menos, seu resultado. Diz respeito a algo que está em movimento constante, movendo-se incessantemente para a frente” (ELIAS, 1994, p.24). Noção, portanto, de caráter expansionista e com preocupações nos atos e suas conseqüências.

A educação sempre fez parte dos projetos missionários do protestantismo em geral. Os presbiterianos foram os primeiros a organizarem uma escola voltada a atender seus próprios filhos e a manter sua tradição e cultura. Com esse intento o Rev Nash Morton fundou em Campinas, no ano de 1869 o *Colégio Internacional*, que foi muito frequentado pelos filhos das famílias mais abastadas e influentes da região de Campinas. (BARBANTI, 1977; ALBINO, 1996).

Em 1870 foi criada a *Escola Americana*, que se tornaria mais tarde o *Mackenzie College*. A *Escola Americana* em pouco tempo se converteu em centro das atenções por seus métodos inovadores, professores bem preparados, currículo inovador, material didático e arquitetura suntuosa.

Com os metodistas não foi diferente. A bibliografia acerca da educação metodista no Brasil ( LOPES (2000), NOVAES (2001), MESQUIDA (1993, 1994), BOAVENTURA (1978), MESQUITA (1992), SCHÜTZER (s/d), CORDEIRO (2005) ) aponta que a criação de escolas, não se deu exclusivamente pelo compromisso educacional e religioso, mas esteve efetivamente vinculada à ideologia do “destino manifesto”, através do qual “a nação americana seria o povo escolhido por Deus para



implantar uma alta civilização cristã, dentro dos princípios da liberdade e da democracia, e espalhar esta civilização pelo mundo” (NOVAES, 2001, p.147).

No Brasil os metodistas fundaram em 1888 o *Colégio Piracicabano* (SP), em 1909 o *Instituto Central do Povo* (RJ), em 1918 o *Colégio Noroeste de Birigui* (SP), em 1920 o *Instituto Educacional de Passo Fundo* (RS) e o *Instituto Bennett* do Rio de Janeiro (RJ), em 1922 o *Colégio Centenário de Santa Maria* (RS), em 1923 o *Instituto Porto Alegre* e em 1928 o *Instituto Americano* de Lins (SP). Ainda a este respeito Mesquida (1994, p.19) afirma:

Este fenômeno educativo, que dimana de uma instituição religiosa e que traz em sua constituição estrutural uma história, uma cultura e a concepção de mundo de uma civilização diferente daquela do país receptor, representou um papel importante na história da educação brasileira, seja pela formação das elites, seja pela influência que exerceu sobre a sociedade como um todo.

Importante destacar que ao aqui chegarem, os metodistas traziam consigo o apoio financeiro norte-americano de seu país de origem, além da certeza de serem os escolhidos para “civilizar” a nação brasileira. Além da fundação dos colégios, o projeto civilizatório metodista previa alcançar a alma das crianças, por meio da criação de uma revista voltada a elas, a *Revista Bem-te-vi*, objeto deste artigo. Para esta pesquisa tomou-se como objeto de investigação os números publicados na década de 1930, que compõem rico material acerca das normas reguladoras de condutas das crianças protestantes, sobretudo das metodistas. A *Revista* ao longo da década investigada publicou 120 números com periodicidade mensal.

Em 1886, os metodistas haviam lançado a revista *Nossa Gente Pequena*, sob responsabilidade do missionário J J Ranson. De acordo com Almeida (2003), essa publicação teria dado origem ao que anos depois seria renomeado como *Revista Bem-te-vi*, cujo primeiro volume foi publicado em 1922. Para Sokoloswki e Malusá (1996, p.64) o ano de 1922 “não ocorreu por acaso, no mesmo ano da Semana de Arte Moderna”, mas sim como expressão do intento cultural presente nos princípios metodistas.

Com cunho pedagógico, a *Revista* destinava-se a todas as crianças cristãs, independente da denominação religiosa. Cabe destacar que a *Revista* é publicada até os dias de hoje, no entanto, a partir de 1967, o projeto editorial da *Revista* foi revisto e assumiu um caráter instrumental voltado especificamente à catequese metodista, por meio da divulgação dos princípios religiosos para as crianças nas escolas dominicais.

De acordo com Leila F. Epps, redatora dos anos iniciais da *Bem-te-vi*, a circulação da *Revista* atravessava todo o território brasileiro, indo do Amazonas ao Rio Grande do Sul, ultrapassando inclusive, as fronteiras do país rumo “à Argentina, Chile, Bolívia, México, Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, França, Suíça, Portugal e a África Portuguesa” (EPPS, 1926, p 108).

A redatora expressava no editorial a preocupação com o conteúdo didático e com a qualidade do papel, de modo a despertar nas crianças um interesse crescente pela publicação: “Não queremos usar material barato na nossa revista, queremos-la sempre impressa em bom papel de modo que as bonitas gravuras realcem e possam assim atrair e agradar aos nossos amiguinhos” (EPPS, 1926, p. 108).

O estudo da *Revista Bem-te-vi*, ao longo de seus textos, de suas seções, de suas poesias possibilita a compreensão das preocupações sociais da época, dos antagonismos e das filiações ideológicas, além da apreensão das práticas educativas de ordem escolar, social e moral e das representações da infância e das crianças. De acordo com Almeida (2003, p.41) dos textos publicados pela *Revista Bem-te-vi* emergem normas de convivência social e regras de condutas individuais e coletivas consideradas pelos seus editores pilares de uma sociedade “moderna”, portanto, os autores pretendiam, em vez de descrever a sociedade, transformá-la (CHOPPIN, 2002). Nesse sentido, a visão de infância e de crianças é idílica, revelando mais a imagem que se desejava do que a verdadeira imagem quer seja a imagem de uma criança forte, saudável, estudiosa, adaptada ao ambiente familiar, escolarizada, religiosa, regrada, bem-comportada, higiênica.

A análise da revista foi feita à luz do conceito de *civilização* cunhado por Norbert Elias, para quem o homem nem sempre se comportou de acordo com o que se define atualmente como civilizado. Assim sendo, os modos considerados hoje como boas condutas foram impostos, pouco a pouco, às pessoas, tais como condutas, que muitas vezes são consideradas comuns, naturais do ser humano, como, por exemplo, comer com talher ou não escarrar na presença de outros. Nesse sentido Elias (1994, p.169) afirma:

Só se lembrarmos como parecia natural na Idade Média que estranhos, crianças e adultos compartilhassem a mesma cama é que poderemos compreender que mudanças nos relacionamentos interpessoais se manifestam em nossa maneira de viver.

Nesta mesma direção Revel (1999, p.190) afirma que costumes que em uma época eram tão comuns, em outra podem ser banidos dos comportamentos humanos:

[...] a lógica da civilidade pode chegar a causar o desaparecimento de determinado tipo de comportamento: depois de enunciar durante muito tempo as maneiras de assoar-se em público sem molestar os vizinhos, ele regulamenta (...) o uso do lenço em nome de uma exigência ao mesmo tempo moral e higiênica e, por fim, chega a pura omissão do gesto (...) no final do século XVIII).

Na obra intitulada *Os Usos da Civilidade*, Jacques Revel (1999, p.173) defende que todos os movimentos, todas as posturas corporais, inclusive a própria roupa podem ser objeto de leitura, ou seja, os gestos são signos e podem organizar-se numa linguagem, permitindo interpretações e reconhecimento moral, psicológico e social da pessoa, “não há intimidade que não se revele”. Revel (1999, p.185) afirma que: “A socialização das condutas não pode ser lida apenas nos termos de uma submissão imposta às pessoas. Ela só atinge plenamente seus efeitos quando cada um se empenha em tornar-se seu próprio amo”.

Os princípios e as propostas dos missionários e educadores metodistas presentes na *Revista Bem-te-vi*, imprimem e expressam regras de conduta e de comportamentos sociais destinados aos membros da Igreja Metodista e aos demais leitores protestantes e revelam um verdadeiro compromisso com os valores republicanos presentes em diversas instituições e grupos comprometidos com a ordem política instaurada em 1889, sobretudo, com os da ideologia liberal e positivista da ordem e progresso (PANIZZOLO, 2004, 2006, 2011).

### **A *Revista Bem-te-vi* e a formação do caráter e da moralidade das crianças.**

Ao longo da década de 1930 a *Revista Bem-te-vi* apresentou algumas seções que se mantiveram na maioria dos números, tais como: *Pequeno Sermão*, *Brinquedos e Jogos*, *Petiscos para os Bem-te-vistas*, *Quem é que sabe?*, *Tesouro das Coisas Novas e Velhas*, *Seção dos Pequeninos*, *Cartas a Zezinho*, *Vultos da Raça Negra*, *A Página dos Pais*. A catequese ficava restrita a seção chamada *Pequeno Sermão*, na qual pastores e bispos eram convidados a comentar textos bíblicos, dando destaque aos princípios religiosos metodistas.

Os textos impressos na *Bem-te-vi* estabelecem sua identidade à medida que se dirigem a um leitor-modelo dotado de uma singularidade que o distingue do leitor adulto. Os textos destinados ao público infantil usam expressões mais simples, conteúdos voltados aos supostos interesses das crianças e adotam personagens associados ao universo infantil e à imaginação das crianças, tais como fadas, príncipes e serviçais transcritos e interpretados de acordo com os princípios morais protestantes, tendo em vista modelar o comportamento dos pequenos leitores.

Escritas em sua totalidade por adultos<sup>5</sup>, sobretudo mulheres, as seções da *Bem-te-vi* expressam genéricas expectativas adultas sobre os interesses das crianças, projetando particularmente as concepções metodistas para o mundo infantil.

Os textos em versos e prosas e as seções publicadas pela *Revista* divulgam, portanto, um modelo esperado de ser e viver a infância e de ser criança. Nesse sentido, as formações discursivas não apenas buscam modelar um olhar sobre a infância, mas, sobretudo informar as práticas relativas ao cuidado e à socialização das crianças, normatizando seu processo de inserção social.

O relacionamento entre pais e filhos esteve na alça de mira das lideranças metodistas. A família, rede de pessoas unidas por um nome, um patrimônio material e simbólico, além de responsável pelo gerenciamento dos interesses privados, foi desde a implantação do regime republicano considerado fundamental para o progresso da humanidade e para a preservação do regime republicano recém-implantado. Lugar de destaque também lhe foi atribuída pelos metodistas que visavam à disseminação da doutrina metodista.

As seções da *Revista* procuravam contribuir para o aprimoramento destas relações, por meio do estreitamento de vínculos, além da importância dada aos modelos de condutas a ser seguidos. Essas seções não se dirigiam necessariamente à criança em suas especificidades, singularidades, desejos e necessidades, mas sim aos interesses do coletivo, ou seja, da família e da nação. Entre a criança e a família, a *Bem-te-vi* organiza uma série de discursos que pretendem proteger, educar e disciplinar a infância.

O relacionamento entre mães e filhos esteve na alça de mira das lideranças metodistas. As seções da *Revista Bem-te-vi* procuram contribuir para o aprimoramento dessas relações, por meio do estreitamento de vínculos, além da importância dada aos

---

<sup>5</sup> Durante a década de 30 a Revista teve como redatoras Nancy R Holt (missionária), Adelina de Cerqueira Leite, Stella S Racy, Julieta Martins, Alice Gerab (esposa de pastor), Celia Rocha Braga, Cecília de Cerqueira Gonçalves, Antonieta Gonçalves Gilioli e o Reverendo Vicente Themudo

modelos de condutas a ser seguidos. Para isso a *Bem-te-vi* na seção *Petiscos para os Bem-Te-Vistas*, apresenta receitas culinárias que visam atender ao gosto das crianças em geral, tais como, receitas de bolos, geléias, rolinhos, balas entre outras. Geralmente, tanto o modo de fazer, como as ilustrações da revista incentivam a criança a ajudar sua mãe na realização das receitas, estabelecendo assim, direta ou indiretamente uma aproximação maior entre mães e filhos.

Enfatizando a boa relação entre pais e filhos, e sua importância na formação das crianças, a *Revista Bem-te-vi* apresenta na seção denominada *Seção dos Pequeninos*, a publicação de textos considerados mais simples, mas sempre com um caráter educativo, trazendo em sua ilustração a figura da mãe lendo as histórias para as crianças, como representação de uma forma de relação estabelecida entre pais e filhos.

A *Revista Bem-te-vi* investiu na apresentação de um perfil de civilidade nos relacionamentos entre pais e filhos, por meio da valorização da obediência, do enaltecimento do trabalho e do estudo. Destaca-se assim na seção *A Página dos Pais* textos que visam auxiliar na educação das crianças, oferecendo conselhos sobre como lidar com os filhos diante de diferentes situações. Nessa seção encontram-se artigos que trazem informações sobre como reagir a determinados comportamentos dos filhos, alertas sobre a necessidade de a criança ter um tempo só para ela, indicações acerca das melhores formas de aplicar castigos, e por fim, orientações sobre como ensinar os filhos a enfrentar situações de perda. A seguir um bom exemplo no excerto denominado *Bons e maus hábitos*:

(...) Chamamos a isso maus hábitos, a preocupação que eles nos causam fazem-nos esquecer que qualquer habito é simplesmente um modo de conduta que se fixou pela repetição, e que tanto os bons como os maus hábitos advêm da pratica. Uns precisam de castigos, ralhos, advertências ou prêmios para deixarem maus costumes. (...) Precisamos lembrar que o único modo de tirar “um mau costume” é substituí-lo por um bom. (...) Em muitos casos a correção de maus hábitos começa pela nossa própria correção, pois sua conduta indesejável é nas mais das vezes copiadas diretamente de nós. Precisamos fazer o que realmente pregamos, pois são os nossos atos, e não as palavras, que mais diretamente influenciam o comportamento de nossos filhos (...) (REVISTA BEM-TE-VI, 1936, p. 82)

Os redatores da *Revista Bem-te-vi* destinavam significativo espaço para o aprendizado da civilidade, buscando, no dizer de Revel (1999, p.178) “ao mesmo tempo, disciplinar as almas por meio de coerção exercida sobre o corpo e impor à coletividade das crianças uma mesma norma de comportamento sociável” o que se faz por meio da transmissão de valores como bondade, caridade, paciência, trabalho,

respeito aos mais velhos, ao mesmo tempo em que se busca distanciar as crianças do orgulho, do apego aos valores materiais, da preguiça, da cobiça, entre outros sentimentos.

As páginas da *Revista* são povoadas por crianças que sentem prazer ao praticar o bem ao próximo, em ajudar os mais necessitados, que muitas vezes, de modo altruísta e generoso se desfazem de suas próprias coisas em favor do próximo. O sentimento de responsabilidade para com seus pertences e suas obrigações para com os outros também são bastante divulgados, ou seja, além de boas atitudes, espera-se da criança comportamentos, hábitos e valores significativos para a sociedade na qual esta inserida. As histórias enfatizam que é necessário o conhecimento, o entendimento e a prática de bons comportamentos e virtudes para se viver bem, ou no dizer de Revel (1999) as historietas visam, sobretudo, moldar a criança para a necessidade de um código geral de civilidade.

Na seção *Tesouro das Coisas Novas e Velhas* são apresentados antigos ensinamentos que não perderam seu valor na educação das crianças e dos adultos. A intenção dessa seção é a de fazer com que as crianças reflitam sobre os ensinamentos, e que os perdurem, reconhecendo-os como tesouros da boa formação das pessoas, independentemente de suas idades.

A *Revista* publica ainda textos curtos apresentados em apenas um número, contendo sempre um aprendizado, um exemplo de bom comportamento, uma lição ou propondo uma reflexão para seus pequenos leitores. Propagando desse modo os valores defendidos pelos metodistas como essenciais para a formação das pessoas, tais como a obediência, a valorização do trabalho e do estudo, os cuidados higiênicos, o exercício da caridade, o respeito aos pais e amigos, e a amizade entre irmãos.

A *Revista* pode ser compreendida à luz do que Elias (1994, p.168) assevera acerca da não naturalidade das atitudes impostas pela sociedade às crianças, assim, quanto mais natural o padrão de delicadeza e vergonha parecer aos adultos e “quanto mais o controle civilizado de ânsias instintivas é aceito como natural, mais incompreensível se torna para os adultos que as crianças não sintam ‘por natureza’ essa delicadeza e vergonha”. Dessa forma são várias as seções, os artigos e as poesias em que são apresentadas as virtudes a serem incorporadas pelas crianças com vistas a desenvolver o autocontrole, como esclarece Elias (1994, p. 153): “a tornar automático o comportamento socialmente desejável, uma questão de autocontrole, fazendo com que o

mesmo pareça à mente do individuo resultar de seu livre arbítrio e ser de interesse de sua própria saúde ou dignidade humana”.

Além da não naturalidade de tais atitudes, como alerta Choppin (2002) provavelmente também não expressam comportamentos usuais, ao contrário, tem por finalidade criá-los, mudando a sociedade pela transformação dos indivíduos. Nesse sentido, pode-se dizer que a visão de infância e de crianças veiculada pela *Revista* é idílica, expressando a imagem desejada em lugar da realidade observada, a imagem de uma criança forte, saudável, estudiosa, adaptada ao ambiente familiar, escolarizada, religiosa, regrada, bem-comportada, higiênica.

Por vezes, a estratégia editorial é menos diretiva e apresenta exemplos de que a não vivência prática das virtudes pode resultar em punições. Assim, os bons costumes são, pouco a pouco, impostos às crianças, obrigando-as a reprimir seus desejos impulsivos, vândalos, fracos e vingativos, substituindo-os pela prudência, bondade e sinceridade. Ainda mais uma vez recorre-se a Elias (1994, p.134):

Uma vez que a pressão e coação exercidas por adultos individuais são aliadas da pressão e exemplo de todo o mundo em volta, a maioria das crianças, quando cresce, esquece ou reprime relativamente cedo o fato de que seus sentimentos de vergonha e embaraço, de prazer e desagrado, são moldados e obrigados a se conformar a certo padrão de pressão e compulsão externas.

Ao longo das seções, as mães são as figuras-chave do projeto metodista, e a elas compete a responsabilidade em garantir e zelar pela transmissão de valores ligados à civilidade e à cidadania, o que aponta para a concordância entre metodistas e o Estado em reorganizar o espaço familiar, conforme alerta Perrot (1999):

A boa família é o fundamento do estado e, principalmente para os republicanos (...), existe uma continuidade entre o amor à família e à pátria, instâncias maternais que se confundem, e o sentimento de humanidade. Daí o interesse crescente do Estado pela família: em primeiro lugar pelas famílias pobres, elo fraco do sistema, e a seguir por todas as outras (p.105).

A *Revista* exprime a plena confiança na educação doméstica, através de histórias nas quais imitando e obedecendo aos pais, as crianças se comportariam de acordo com a doutrina cristã, ao mesmo tempo em que apreenderiam modos e costumes que as converteriam em cidadãos republicanos.

A *Bem-te-vi* constrói várias analogias entre a criança e a pátria, sendo a boa formação da primeira, compreendida como condição necessária para a construção da

grandeza da segunda. Após a bondade com o próximo, a caridade com os necessitados, a honestidade e a responsabilidade com as coisas, a criança não pode deixar de aprender o valor do respeito à pátria. Na *Bem-te-vi*, as crianças são conclamadas a se comportarem de modo a levar o país à prosperidade:

Nós comemoramos o feriado nacional, disse o banqueiro, quando cada menino e cada menina na nossa cidade experimentam torná-la uma cidade limpa, quando eles experimentam fazê-la uma cidade segura, quando tentam fazê-la uma cidade próspera, quando experimentam fazer dela uma cidade saudável. (REVISTA BEM-TE-VI, Ano IX – n.11; Novembro de 1931)

No Brasil, a lenta transformação que promoveu a substituição dos valores relacionados à sociedade patriarcal, tradicionalista e escravocrata, por outros valores ligados à sociedade burguesa moderna, incluía a representação da infância como futuro da nação e vem no bojo de projetos que almejavam empreender uma regeneração nacional. O conceito de regeneração, bastante presente no processo revolucionário francês, pouco a pouco adquiriu outros significados: “um programa sem limites, ao mesmo tempo físico, político, moral e social, que não pretendia menos do que criar um novo povo” (OZOUF, 1989, p. 815).

Na apropriação feita pelos republicanos no Brasil entre fins do XIX e início do XX a regeneração traduzia-se em um processo de aburguesamento que modificou a paisagem urbana, as relações sociais e econômicas, criando novos hábitos, costumes e ideias. O cenário nacional nos primeiros anos republicanos era povoado por diversas personagens: homens doentes, improdutivos e indolentes, vagando pelo país; uma população urbana resistente ao trabalho, ou ao menos na forma de trabalho considerada salutar pelos patrões, um contingente significativo de imigrantes tidos como fomentadores de greves e conturbações sociais.

A leitura dos textos publicados na *Revista Bem-te-vi* demonstra a solidariedade ao projeto republicano de construção de um homem novo, com valores, sentimentos e comportamentos a serem ainda inculcados, e que podem ser identificados como burgueses. Na condição de ser social, a criança passava a representar “o futuro da nação e da raça, produtor, reproduzidor, cidadão e soldado do amanhã” (PERROT, 1999, p.148).

A *Bem-te-vi* dedica ainda espaço para a publicação de longas histórias divididas em capítulos e narradas em vários números e de poesias, ambas voltadas às datas comemorativas, tais como Dia das mães, Dia dos pais, Dia das crianças, Natal etc.,



enaltecendo o valor da referida data à Pátria e os comportamentos adequados em cada uma delas.

Além da inculcação de valores e atitudes, a *Revista Bem-te-vi* preocupa-se com uma formação mais generalista e enciclopédica de suas crianças. Na seção *Quem é que sabe?* a *Revista* dedica-se a publicação de perguntas para serem respondidas pelas crianças, oferecendo somente no número seguinte as respostas, como estratégia para instigá-las a querer o próximo número da revista. São perguntas relativas a animais e seus costumes, à música, às disciplinas de História e Geografia, assim como experimentos da disciplina de Ciências e questões de Matemática e Lógica, fatos marcantes do teatro e cinema, às características e valores nutricionais de frutas e legumes, aos significados de palavras ou expressões, às regras ou descrições de jogos tradicionais, à localização de países, estados e capitais nacionais ou internacionais, entre outros temas.

Na seção *Cartas a Zezinho*, a *Revista* publica cartas escritas por uma senhora a seu filho. A senhora estaria fazendo uma viagem ao redor do mundo com seu marido e filha, e a cada carta, descreve ao filho a cultura e as características do lugar visitado, como uma forma de ensinar o garoto. Dessa maneira, a *Bem-te-vi* tem a intenção de divulgar ao seu público as diferentes culturas e costumes encontrados pelo mundo afora. Descrevendo assim, através das cartas as características das pessoas e de lugares como Havaí, Japão, Egito, Jerusalém, dentre outros.

A escolha pelos países e culturas teria como critério o pitoresco? Ou ao contrário, recairia em culturas cujos valores pretendiam-se enaltecer e inculcar nas crianças brasileiras?

A *Bem-te-vi*, na Seção *Brinquedos e Jogos*, retira a figura do adulto do texto, elegendo a criança como seu leitor privilegiado. A seção é composta por propostas de brincadeiras e jogos, descrições detalhadas do número de participantes, das regras e das informações sobre as melhores formas de se brincar e até o tempo previsto para a realização. As brincadeiras apresentadas são sempre de fácil aprendizagem, dirigidas diretamente ao público infantil, e sua realização, na maioria das vezes, se dá sem custo algum, e sem requerer a presença de um adulto.

As brincadeiras propostas por essa seção buscam estimular a melhor relação entre as crianças, por meio de propostas que incentivam as brincadeiras em grupos, favorecendo assim, a aprendizagem acerca de perder ou ganhar, e como lidar com essa

questão. Estaria aqui há intenção de ensinar e valorizar a obediência às regras e ao auto-controle como elementos necessários à vida societária?

Provavelmente a valorização dos jogos e das brincadeiras presente na *Revista Bem-te-vi* deva-se a presença da cultura norte-americana, no entanto, é possível também cogitar da hipótese de que essa preocupação em ensinar a brincar aponte para a ideia de que a brincadeira não é algo natural. Ao ensinar a brincar e valorizar a brincadeira com o outro, a *Revista* talvez a compreendesse como um processo permeado pelas relações interindividuais, e, portanto, cultural.

Além disso, a existência de tal seção indica ainda a preocupação com o que Fernandes (1947) denominou como sendo o processo de socialização dos imaturos, por meio de situações reguladas pela vida social da infância.

### **Considerações finais**

No Brasil, desde o final do século XIX e ao longo das primeiras décadas do século XX, os republicanos construíram e difundiram uma imagem de criança idealizada, procurando incorporá-la à ordem social, por meio do trabalho regular e da instrução. A esse projeto somaram-se as vozes e o empenho dos missionários e educadores metodistas, que por meio da divulgação de padrões de conduta, de comportamentos e hábitos procuravam incessantemente compor uma ordem social alicerçada em princípios condizentes com os desígnios divinos e com uma vida terrena moderna e civilizada.

A *Revista Bem-te-vi* veicula mais um, de tantos projetos em circulação e em disputa que pretendem civilizar as crianças. Ainda que divergentes entre si, os projetos laicos ou religiosos, os projetos liberais ou positivistas apresentam em comum a necessidade de moldar a infância para a modernidade. O projeto dos metodistas veiculado na *Revista Bem-te-vi* espelha a opção das igrejas reformadas, de ao comportarem-se como braço avançado do projeto de disseminação da cultura norte-americana como modelo para o homem novo, eliminarem qualquer intento de buscar tal construção pela via revolucionária.

O caminho para a tão propalada modernidade se deu pela centralidade da criança (não é por acaso que a revista as tem como público alvo), o respeito às normas higiênicas, a disciplinarização do corpo e da mente das crianças (por meio da civilização de hábitos e condutas), e pela valorização do ato de observar na construção do

conhecimento das crianças. Dessa forma produzia-se o homem novo nos antigos pilares de sustentação da Igreja.

O estudo da *Revista Bem-te-vi* possibilitou a análise das várias seções que a compõem. Sempre permeada por mensagens acerca da conduta dos leitores infantis, apresentadas direta ou indiretamente, em normas prescritivas de comportamento e modelos de atitudes a serem tomados diante de situações cotidianas das crianças com seus pais, irmãos, amigos, professora, etc. Prescrições compreendidas como importantes para a formação geral das crianças, mas acima de tudo, fundamentais para a formação religiosa, do caráter e da moralidade.

Pode-se afirmar que a *Bem-te-vi* espelha um pensamento protestante, metodista, ao mesmo tempo republicano e liberal imbuído de um conjunto de princípios norteadores da ordem e do progresso, fundamentais para a conversão da criança em cidadã moderna, civilizada e cristã. Os novos costumes são assim, pouco a pouco, impostos às crianças, obrigando-as a reprimir seus desejos arrebatados, selvagens e débeis, substituindo-os pela honestidade, serenidade e temperança. Dessa forma, ao mesmo tempo em que alcançam os princípios pautados nas virtudes, condutas e comportamentos valorizados pelos homens, progridem rumo aos desígnios divinos.

O projeto civilizatório impresso nas páginas da *Revista Bem-te-vi* esteve firmado na fé. Não apenas na fé como crença, na fé em Deus, mas na fé na nação norte-americana, nas suas instituições políticas, culturais e econômicas, na superioridade de seu povo, na eleição de sua nação por Deus. Essa fé civilizatória, tomando de empréstimo a expressão utilizada por Novaes (2003) esteve entrelaçada à razão, unindo em um mesmo projeto fé, espírito investigativo, disciplina pessoal e ética. Provavelmente aqui reside o triunfo do projeto civilizatório metodista.

A *Bem-te-vi* marcou de forma clara o intento de construir, de criar na infância brasileira, nos novos brasileirinhos os alicerces do progresso, da moralidade, da civilidade do povo anglo-saxão, como forma de transformação calcada na ordem e na evolução social.

Por certo que esta ação formadora e conformadora do indivíduo ultrapassava as páginas da *Revista*. Sob o lema “Eu vejo em cada criança a possibilidade do homem perfeito” (EPPS, 1926, p.108) a redatora da Revista conclamava por um lado a responsabilidade dos pais quanto à formação do caráter de seus filhos, e por outro lado, a responsabilidade da Igreja, sobretudo da Escola Dominical com a santificação de seus

fiéis rumo à perfeição cristã, a ser alcançada por meio das leituras, reflexões e atitudes propostas pela Bem-te-vi.

### Referências Bibliográficas

ALMEIDA, V. O metodismo e a ordem social republicana. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, nº 1, p. 41-60, 2003.

BOAVENTURA, E. *A educação metodista no Brasil: origem, evolução e ideologia*. 1978.127p. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1978.

CARVALHO, M. M. C. *A escola e a República e outros ensaios*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. (Estudos CDAPH – Série historiografia).

CHOPPIN, A. O historiador e o livro escolar. *História da Educação*, Pelotas, v.6, n.11, p.5-24, abr. 2002.

CORDEIRO, A.L. Religião e projetos educacionais para a nação: a disputa entre metodistas e católicos na Primeira República brasileira. *Horizonte*, Belo Horizonte, v.4, n.7, p. 110-124, dez, 2005.

ELIAS, N. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, vol. 1, 1994.

EPPS, L.F. Bem-te-vi: revista para crianças. *Revista Bem-te-vi*, São Paulo: Imprensa Methodista, ano IV, n. 4,p.2, abr, 1926.

FERNANDES, F. *As "trocinhas" do Bom Retiro*. *Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, ano XII, vol.CXIII, p.10-124, mar-abr,1947*.

LOPES, S.M.P. *As instituições de ensino no metodismo: fatores de sua criação*. 2000. 227p. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2000.

MENDENHALL, J. W. God's hand in our nation's history. *The Methodist Review*, New York, v. LXXV, p. 459-466, May/June.1893. Fifth series, v. IX.

MESQUIDA, P. *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil*. Juiz de Fora: EUFJF/EDITEO, 1994.

\_\_\_\_\_. Metodismo e educação no Brasil: formar elites e civilizar a nação. *Revista de Educação do COGEIME*, Piracicaba, ano 1, nº2, p.29-50, 1993.

MESQUITA, Z.C.C. *Educação metodista: uma questão não resolvida*.1992.285p. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1992.

MOORE, D. The horizon. *Western Christian Advocate*, Cincinnati, v. 65, p. 3-4, July 1898.

NOVAES, J.L. *Protestantismo e educação: metodistas e liberais na Primeira República*. 2001. 247p. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Teologia, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2001.

\_\_\_\_\_. Escola, liberalismo e educação metodista no Brasil. *Revista de Educação do COGEIME*, Piracicaba, ano 12, n. 22, p. 105-126, jun, 2003.

OZOUF, M. Regeneração. In: FURET, F. (Org). *Dicionário crítico da Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

PANIZZOLO, C. Estudo de periódicos: possibilidades para a história da educação brasileira. In: Maria C.M. (Org.). *Educação, memória, história: possibilidades, leituras*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 401-450.

\_\_\_\_\_. *João Köpke e a escola republicana: criador de leituras, escritor da modernidade*. 2006. 358p. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós Graduação em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. Civilizar, educar e instruir: a infância impressa nos livros de leitura. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. *Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH*. São Paulo: ANPUH-SP, 2011. v. 1. p. 1-15.

PERROT, M. Os atores. PERROT, M.(Org). *História da vida privada; da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Trad.: Denise Bottman e Bernardo Joffely. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p.89-304.

REVEL, J. Os usos da civilidade. In: ARIÈS, P., CHARTIER, R. (Orgs). *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes – São Paulo: Companhia das Letras*, 1999. p.169-210.

REVISTA BEM-TE-VI. Imprensa Methodista. São Paulo.

ROMERO, S. *Provocações e debates: contribuições para o estudo do Brazil Social*. Porto: Livraria Chardron, 1910.

SCHÜTZER, D.B. *Hegemonia e civilização na educação metodista*. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais7/Trabalhos/xHegemonia%20e%20civilizacao%20na%20educacao%20metodista.pdf>. Acesso em: 29 de abril de 2013

SOKOLOSOWKI, M.; MALUSÁ, S. Bem-te-vi: uma renovação na literatura infantil brasileira. *Rev.BRAS.de Com. INTERCOM*, São Paulo, v.XIX, n. 2, p. 61-76, jul-dez. 1996.

SUPER, O. B. The mission of the Anglo-Saxon. *The Methodist Review*, New York, v. LXXII, p. 853-867, Nov. 1890. Fifth series, v. VI.